

Aluna: Lorraine Laís Domingos

Nº de matrícula: 2021.1.45.033

Disciplina: Linguística II

Local de publicação: Letras para todos

Título: Saudade e o determinismo linguístico.

Você já pensou na relação entre a palavra “saudade” e o determinismo linguístico? Não? Não tem problema, vamos descobrir juntos.

Em uma primeira análise, é válido situar que o determinismo linguístico surge de uma das vertentes da hipótese Sapir-Whorf, criada pelos estudiosos Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf. A hipótese em questão se divide em duas: hipótese forte e hipótese fraca.

Quando se trata da hipótese forte, devemos nos atentar para sua ligação com a corrente determinista, que, na prática, diz que a língua interfere diretamente no modo como o falante enxerga o mundo ao seu redor.

Já a hipótese fraca discorda dessa ideia, ao passo que acredita que a língua influencia, mas não determina o pensamento, descartando, assim, o determinismo linguístico.

Quer ver um exemplo na prática? Não seja por isso.

Em 1984, cientistas, prontos para confirmar qual vertente da hipótese Sapir-Whorf fazia mais sentido, convidaram uma tribo mexicana e um grupo de estadunidenses para fazer um experimento que deixou visível uma “distância” subjetiva entre cores mostradas. No experimento foram mostradas as cores verde, azul claro e azul escuro, a fim de observar a percepção de cada grupo sobre elas. Isso resultou nos falantes de inglês citarem duas cores: verde e azul. Enquanto os mexicanos nominaram as cores como sendo uma só, por terem em sua língua a palavra “Syóname”, que engloba as duas cores em evidência.

A situação logo serviu de pauta para o grupo defensor da hipótese forte afirmar que os indígenas não enxergavam a diferença entre as cores e, por essa razão, tinham dificuldade em nomeá-las. Porém, essa hipótese determinista nunca conseguiu uma comprovação concreta sobre a veracidade de sua teoria.

Em contrapartida, os apoiadores da hipótese fraca refutaram dizendo que a tribo simplesmente não tinha contato com as palavras referentes às cores mostradas, o que não comprovava o fato de não conseguirem enxergá-las, como

os demais. Até porque eles apenas não tinham uma palavra para descrever o que o olho era capaz de perceber.

O mesmo dilema pode acontecer com nossa palavra “saudade”. Muito usada no Brasil, e muito bem usada, como na música de Vinícius de Moraes “e por falar em saudade, onde anda você?”, a palavra de origem latina, que não possui tradução direta para outras línguas e define um sentimento humano, é conhecida apenas em alguns países. Isso quer dizer que outras pessoas que nunca ouviram e conheceram seu significado não sentem saudade? Acho humanamente impossível.